

INTERCÂMBIO CULTURAL
DE FORTALEZA A NOVOSIBIRSK

GISELA HASPARYK MIRANDA

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO

ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Licenciatura em Assessoria e Tradução
Estudos Interculturais

INTERCÂMBIO CULTURAL: DE FORTALEZA A NOVOSIBIRSK

GISELA HASPARYK MIRANDA

Porto
Janeiro de 2016

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.

–Boaventura de Sousa Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
INTERCÂMBIO INTERCULTURAL.....	5
A BRASILEIRA: KEISMY SILVA.....	5
A ENTREVISTA	7
O CHOQUE CULTURAL	8
<i>Personalidade</i>	8
<i>Aparência</i>	9
<i>Educação</i>	9
<i>Alimentação</i>	9
<i>Religião</i>	10
<i>Clima</i>	11
<i>Comunicação</i>	11
O ESTEREÓTIPO.....	12
A AQUISIÇÃO CULTURAL	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

INTRODUÇÃO

O Brasil por si só comprehende diversas culturas, culturas regionais, mas que, sobretudo, pela imensidão geográfica, quase não experienciam uma realidade intercultural. Tampouco o povo brasileiro é privilegiado de contato com o exterior. Além dos custos desmedidos para sair do país, que uma limitada minoria pode bancar, os estrangeiros de passagem, normalmente, limitam-se ao turismo de luxo em resorts e pouco dão importância à complexa e vasta cultura brasileira. Ademais, as comunidades de imigrantes costumam se instaurar no interior do país. Este trabalho desenvolve uma análise de uma entrevista a uma brasileira, Keismy Silva, que viveu três meses em Novosibirsk, Rússia. Primeiramente, clarifica-se por que Keismy e a sua experiência são adequadas para o estudo. De seguida, exploram-se as impressões da entrevistada sobre diversas situações vivenciadas durante a sua estadia na Sibéria e quais foram as soluções encontradas para se adaptar ao “choque climático e cultural”. Exploram-se, ainda as relações político-econômicas entre o Brasil e a Rússia, com vista a contextualizar um dos fatores de maior relevância na construção do estereótipo russo e, por fim, reflete-se sobre a questão da aquisição cultural.

A análise desta experiência intercultural sob uma perspectiva que identifica os traços mais gerais da cultura brasileira contrapondo-a com outra noção, quase homogênea, da cultura russa, evidencia uma possível contradição com o principal propósito do trabalho de desconstruir estereótipos, reduzindo duas pátrias imensamente complexas, que compreendem tantas outras dentro delas, a uma cultura única. No entanto, as referências à “cultura brasileira” e à “cultura russa” devem ser entendidas como o sentido de pertença dos cidadãos destes países, como os pontos que estes têm em comum entre eles e o que os diferencia dos “outros”.

INTERCÂMBIO INTERCULTURAL

A Brasileira: Keismy Silva

Keismy Silva, brasileira, natural de São Paulo mas residente em Fortaleza, viajou para a Rússia através da AIESEC para trabalhar por cerca de três meses como professora de inglês em Novosibirsk. A viagem não foi premeditada, pois avaliava vagas de trabalho remunerado em diversos países, tendo surgido uma oportunidade nesta cidade. Apesar de não ter nenhum interesse especial pela Rússia e de não conhecer o idioma, decidiu encarar o desafio.

Os relatos de Keismy durante a entrevista adequam-se ao propósito desta análise, pois estes não evidenciam somente a sua interpretação pessoal da experiência vivida, mas também refletem a sua cultura, reproduzindo as “estruturas de pensamento”¹ do “brasileiro comum”, que interpreta o mundo de forma aproximada e tem tendência a ter reações semelhantes aos acontecimentos.

Members of the same culture must share sets of concepts, images and ideas which enable them to think and feel about the world, and thus to interpret the world, in roughly similar ways. (Hall, 1997, p. 4)

I) Em primeiro lugar, Keismy é aqui considerada uma “brasileira comum” tendo em conta a estrutura de classes sociais descritas por Darcy Ribeiro (1995), que “engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autoperpetuante da ordem social vigente” (p. 209).

Segundo este notório autor brasileiro, quatro estratos superpostos, correspondentes às classes dominantes, aos setores intermédios, às classes subalternas e às classes oprimidas, compõem o Brasil. As classes dominantes, compostas pelo estamento gerencial das empresas estrangeiras, controlam a mídia, conformando a opinião pública. As classes intermediárias, que abrangem

¹ “Structures of feelings”: conceito, definido por Raimond Willians, que refere-se à partilha de valores e atitudes por um grupo ou sociedade.

pequenos oficiais liberais, policiais, professores, o baixo clero e similares, colaboram com as classes dominantes procurando tirar disso alguma vantagem; também são as classes de onde surgiram os mais subversivos em rebeldia contra a ordem. As classes subalternas são formadas pela numerosa aristocracia operária, que tem empregos estáveis, sobretudo os trabalhadores especializados, e pelos pequenos proprietários, arrendatários, etc. Por fim, há a grande massa das classes oprimidas dos chamados marginais, principalmente negros e mulatos, moradores das favelas e periferias da cidade, os bóias-friás, os empregados na limpeza, as empregadas domésticas, as pequenas prostitutas, quase todos analfabetos e incapazes de organizar-se para reivindicar (Ribeiro, 1995, p. 208-209).

Keismy Silva enquadra-se nas classes subalternas, pois apesar de se situar acima das classes oprimidas por ter um nível de instrução que lhe permite exercer trabalho especializado, encontra-se ainda distante das classes dominantes.

II) Por outro lado, assumir que o “brasileiro comum” pode ser representado por Keismy envolve os conceitos de identidade individual e identidade coletiva, ou nacional, construções sociais cuja fronteira é extremamente difícil delinear, pois estão intrinsecamente interligadas, interagindo numa via de mão dupla, isto é:

Apesar das práticas culturais de qualquer sociedade serem produzidas pelas suas estruturas, elas também são produzidas e determinadas pela subjectividade individual de cada pessoa, no seu papel de actor social, de agente, com a sua capacidade independente de acção. Do mesmo modo, as identidades que um indivíduo adopta, de forma a definir-se a si mesmo são, pelo menos em parte, produzidas pelos contextos sociais e culturais em que se insere. (Sarmento, 2015, p. 41)

Assim, por um lado, tem-se a identidade individual, construção permanente do “ser” ao longo da vida, que envolve tanto os fatores biológicos e psíquicos, como o contexto social; e, por

outro, a identidade coletiva, também um processo contínuo, que constitui-se ao longo do tempo através do relacionamento entre indivíduos que interagem, se comunicam e se influenciam mutuamente, adotando normas e valores válidos para todos os integrantes do grupo, e assumindo-se como “iguais”.

Só por esse caminho, todos eles chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes.

Dentro do novo agrupamento, cada membro, como pessoa, permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva. (Ribeiro, 1995, p.133)

A Entrevista

Keismy a partir de um ponto de vista externo, segue descrevendo situações para um público interno e, para isso, é evidente a utilização dos seus próprios “códigos culturais”, comuns aos possíveis visualizadores do vídeo da entrevista, para descrever determinadas situações vividas em outro contexto cultural.

They must share, broadly speaking, the same ‘cultural codes’. In this sense, thinking and feeling are themselves ‘systems of representation’, in which our concepts, images and emotions ‘stand for’ or represent, in our mental life, things which are or may be ‘out there’ in the world. (Hall, 1997, p. 4)

Ademais, é necessário ter em consideração o meio em que foram documentados os relatos, os comentários e as opiniões de Keismy. Num momento de expressão oral, a escolha e ordenação das palavras é, inevitavelmente, mais espontânea que no discurso escrito – podendo-se afirmar que há pouco tempo para controlar o filtro entre o pensamento e as cordas vocais. Assim, “questões ideológicas, valores éticos, morais e culturais podem se manifestar na fala espontânea através do léxico presente na memória do falante” (Sá, 2011, p. 245), que

“representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores” (Barbosa, 1993, p. 1).

O Choque Cultural

A seguir, como nos interessa aqui, identificam-se as “estruturas de pensamento” que imperam atualmente na cultura do “brasileiro comum”, relacionando-as com os estereótipos sobre os russos. Através da análise da diversos aspectos culturais referidos – tanto pela entrevistada como pelo entrevistador –, durante a entrevista, apontam-se as experiências pelas quais passou Keismy durante a sua estadia em Novosibirsk, e também algumas dificuldades e as soluções que encontrou para contorná-las.

Personalidade

A ideia de que os russos são muito sérios é geral entre os brasileiros e, de acordo com Keismy, à primeira vista são sérios, sim. Contudo, mediante a sua experiência com aqueles que teve contato, afirma que à medida que vão se relacionando e se conhecendo melhor, “eles acabam cedendo e realmente mostrando quem são” (Júnior, 2014), ou seja, dá a entender que os russos “abrem-se” às pessoas consoante o nível de proximidade e afinidade interpessoal.

Com base em uma visão mais abrangente, Keismy percepciona os russos como rudes e indelicados, utilizando a palavra “ignorantes” para se referir a comportamentos deste caráter. Porém, acaba se contradizendo quando afirma, pouco depois, não ter sofrido nenhum tipo de “ignorância” da parte deles quando precisou de ajuda para pedir informação. Tal assunção pode ser compreendida se estivermos atentos à narração de um episódio na estação de metrô: entrou accidentalmente pelo lado errado de um ponto de controle e uma funcionária de serviço na estação não foi nada simpática, falando (em russo) em um tom alto até que ela entendesse que precisava entrar por outro lugar, o correto (Júnior, 2014). Assim, essa situação isolada pode lhe

ter levado a fixar o traço “ignorante” como estável a partir do impacto sentido naquele momento.

Aparência

O entrevistador coloca a seguinte pergunta: “Você achou bonito o povo russo?” (Júnior, 2014) e obtém resposta afirmativa. Mas a questão que se coloca aqui é: para onde aponta a ideia de beleza do brasileiro? Para além da “Moça de corpo dourado”, tudo aponta para o ideal do indivíduo “loiro dos olhos azuis”, distinto do mestiço brasileiro, que faz do povo russo “bonito” na visão do “brasileiro comum”.

Educação

Segundo Keismy, os alunos russos – de diversas faixas etárias – são tão diferentes dos estudantes brasileiros que lhe causaram surpresa, ou como ela refere: “um baita susto” (Júnior, 2014), pois, segundo as suas impressões, são muito mais disciplinados e o foco sobre a matéria mantém-se durante toda a aula, diferente das aulas de qualquer âmbito, com alunos de qualquer faixa etária, no Brasil, que quase sempre contam com a intervenção de alguém que dispersa ou tenta dispersar a aula.

Alimentação

As principais diferenças entre a culinária russa e a brasileira fazem-se notar principalmente pelas suas condições climáticas. No Brasil, o calor pede pratos frescos, utilizando-se, normalmente, vegetais crus em saladas e pratos frios. Já na Rússia, o frio exige que se coma refeições quentes que forneçam energia e calor, por isso, raramente são utilizados vegetais crus, preferindo-se leva-los ao fogo; o que nos leva à questão da sopa. Costume russo e com popularidade quase nula no Brasil, o ato de tomar sopa pode ser algo inusitado para os brasileiros, mesmo contendo ingredientes semelhantes aos habituais da sua “própria cultura”.

Por exemplo, quando se trata do famoso *borsch*, o brasileiro depara-se com porções de beterraba com consistência e temperatura completamente diferentes do que está acostumado a ingerir. Este fato pode ter levado Keismy a não gostar desta sopa tradicional e descrevê-la como “uma mistura bem estranha” (Júnior, 2014). Além disso, o tempero russo é simples e suave, não havendo lugar para comidas muito condimentadas ou sabores muito picantes, e tende para sabores agridoces. Por outro lado, a personalidade da culinária brasileira se caracteriza pelo toque dos temperos africanos e portugueses.

Estes dois fatores podem ter potenciado a descrição de Keismy sobre a alimentação na Rússia como “complicada”. Como resolveu a situação? Ia ao supermercado comprava comida brasileira, feijão, arroz, macarrão e cozinhava em casa (Júnior, 2014).

Religião

Segundo o Censo de 2010, o protestantismo é o segundo maior segmento religioso do Brasil, representado principalmente pelas igrejas evangélicas, com cerca de 42,3 milhões de fiéis, o que representa quase um quarto da população brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010, p. 143). Por outro lado, a Igreja Ortodoxa Russa, ou Patriarcado de Moscou, tem como adeptos a maioria do povo russo, cerca de 70% da população, e, apesar de se encontrarem pessoas com diferentes religiões na Rússia, são tão poucas e tão incomuns que passam despercebidas. É o caso dos cristãos protestantes em Novosibirsk, que contam com apenas uma igreja, localizada dentro de um galpão sem referência nenhuma à existência de um auditório de culto naquele local. Na perspectiva de Keismy, não seria possível encontrá-la se não tivesse estabelecido contato prévio com pessoas que moravam na sua cidade de destino também adeptos da mesma religião. Segundo ela, havia, obviamente, a diferença da língua, mas os cultos eram semelhante aos do Brasil, com os russos batendo muitas palmas e até se empolgando em algumas músicas.

Clima

Quando confrontada com o que mais lhe impressionou na Rússia, Keismy não hesita em afirmar entusiasmadamente que foi o frio – “incrível!”, “o máximo!” (Júnior, 2014). É natural que os indivíduos provenientes de um país tropical, de uma região onde a temperatura média durante todo o ano ronda os 32 °C, e que nunca viajaram para países frios, não imaginem que existam sistemas de aquecimento centrais ou quaisquer outros aparelhos eficazes de aquecimento, pois para eles somente interessa a utilidade de equipamentos para refrescar o ambiente. Ademais, uma vontade comum surge nos brasileiros em dias frios: a de ficar em casa “enrolado no edredom”. Assim, a entrevistada reproduz o sentimento de surpresa que teve quando percebeu que, afinal, havia infraestrutura nas casas, nos estabelecimentos comerciais e nas escolas para suportar o frio e que lhe permitiam estar de “roupas normais” – isto é, blusas de manga curta e shorts – dentro de casa quando lá fora a temperatura era de -30 °C. Mas, mais surpreendida ainda, conta que ficou abismada ao ver as pessoas fazendo vida normal em dias frios.

Comunicação

Keismy explica a questão do espaço interpessoal diferenciando os russos acostumados a lidar com pessoas provenientes de outros países, outras culturas e intercambistas dos russos “típicos”, que não tinham contato frequente com pessoas de outros países. Enquanto os primeiros possuíam uma distância crítica mais ampla, davam apertos de mão e abraços sem problemas, os russos “típicos” evitavam o contato físico.

Ao chegar na terra do “outro”, em território ainda desconhecido, a entrevistada conta que esperava o outro se manifestar para retribuir de forma semelhante, manifestando nitidamente o medo do ridículo, de ser “taxada de louca” se cumprimentasse um russo à moda brasileira, isto é, proferindo “Olá! Tudo bem?” de modo bastante entusiasmado enquanto avança para dar um abraço.

O Estereótipo

Etimologicamente, a palavra estereótipo designa uma placa de metal de caracteres fixos destinada à impressão em série (Lima, 1997, p. 169). Porém, adquiriu conotação metafórica, remetendo para uma matriz de ideias e conceitos preconcebidos, comumente aceites por determinado grupo ou sociedade, que se referem a suposições sobre a homogeneidade e aos padrões comuns de comportamento dos indivíduos de outra sociedade (Pereira, Modesto, & Matos, 2012, p. 203). Tais imagens simplificadas e reduzidas deduzem diversos traços psicológicos imutáveis para os membros de uma mesma categoria social, normalmente baseados em características externas, e, normalmente, têm sentido pejorativo.

O seguinte comentário do entrevistador, Caíque Júnior, ressalta algumas ideias preconcebidas dos brasileiros sobre a Rússia e o povo russo:

Muita gente tem medo da Rússia, medo de pisar na Rússia, porque crescemos com a ideia do russo vilão, dos filmes que a gente vê de Hollywood, a mídia sempre falando ruim da Rússia, falando mal. E essa coisa massiva em cima da Rússia fez com que os brasileiros crescessem com o estereótipo de que Rússia é guerra, é ruim e, inclusive, muita gente tem medo de apanhar e de receber grosseria de russos. (Júnior, 2015)

Ora, as relações bilaterais russo-brasileiras remontam a 1828, quando, após a Rússia reconhecer a independência do Brasil em 1827, estabeleceram relações diplomáticas. A partir da revolução bolchevique de 1917 e durante a maior parte de sua história, essas relações foram de baixa intensidade e muito influenciadas por fatores ideológicos, dado o estreito vínculo do Brasil com os Estados Unidos da América – EUA. Por norma, quanto maior era a vinculação dos países com os EUA, mais hostilidade em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS havia. Embora durante a etapa de entendimento entre os aliados triunfantes na Segunda Guerra Mundial o Brasil tivesse restabelecido as relações diplomáticas com a URSS, o início da Guerra Fria provocou uma nova ruptura, que só veio a ser retomada em 1961. No final da

década de 1980, ambos países passaram por reformas políticas que se refletiram no aumento das relações exteriores em termos econômicos. Recentemente, ambas as partes decidiram oficialmente qualificar o caráter das relações bilaterais como “parceria”, entendida como uma relação de caráter estratégico, e que vai além dos programas de cooperação econômica, estendendo-se ao desenvolvimento científico e tecnológico. Não obstante, a existência de empreendimentos conjuntos, não se traslada para o plano político, no qual as relações continuam sendo distantes. (Bacigalupo, 2000, p. 59-62, 65, 68)

Deste modo, as profundas diferenças ideológicas entre essas duas nações, as relações diplomáticas instáveis e interrompidas por longos períodos de tempo, deixaram marcas que a intensificação, sobretudo, das relações econômicas Brasil-Rússia, ainda não se mostra capaz de remediar. A hostilidade face a URSS em meados do século XX, expressa através das ideias difundidas pela mídia em colaboração com as classes dominantes, interiorizaram-se no povo brasileiro e refletem-se até os dias de hoje. Nada obstante, conveniente é saber que não estamos confinados, que os estereótipos e as crenças ilógicas e sem fundamento são alteráveis e podem ser desconstruídos mediante o desenvolvimento de um espírito crítico:

Quando falamos, ouvimos, escrevemos ou lemos acerca de qualquer grupo ou fenômeno social, devemos distinguir claramente entre representações e realidade vivida, pois não se pode assumir de forma a-crítica que produtos como filmes, programas televisivos, romances, pinturas, publicidade e jornais – quer da chamada “cultura erudita”, quer da chamada “cultura de “massas” – forneçam um reflexo direto e exacto dos papéis desempenhados e das experiências vividas numa determinada cultura. (Sarmento, 2015, p. 41)

A Aquisição Cultural

Keismy Silva envolveu-se em uma verdadeira experiência intercultural, mergulhou de cabeça na comunidade, afinal, se pôde afirmar o que gostou e o que não gostou, é porque experimentou. É possível auferir dos seus relatos que olha para as interações com o “outro” de forma crítica, pois, durante a sua experiência, procurou localizar e desfazer preconceitos através da interação, do diálogo e da compreensão do “outro”.

Mesmo tendo sido uma estadia relativamente curta e o tempo de contato com este outro contexto cultural insuficiente para uma adaptação em maior profundidade, Keismy afirma ter adquirido alguns hábitos típicos da cultura russa, como por exemplo, a atitude e o olhar durante as viagens em transportes públicos – “olhar perdido, ao horizonte” na Rússia (Júnior, 2014), face a posturas de interação no Brasil. Teixeira Coelho (2008) afirma que “a aquisição cultural não pode ser o processo único, exclusivo, nem o principal processo da cultura; toda aquisição se faz acompanhar inevitavelmente do correspondente processo de desaquisição” (p. 19). Assim, se considerarmos que uma vez inserida na comunidade russa, Keismy adota o comportamento padrão dentro dos transportes públicos porque o ambiente lhe impõe e, pelo contrário, estando nos transportes públicos do Brasil tende a retribuir as tentativas de interação, Keismy participa de um processo rico, a aquisição cultural, pois adquirindo padrões de comportamento de outra cultura e, simultaneamente, conservando comportamentos da sua própria cultura, produz uma “nova cultura”. Cultura esta que, imprevisivelmente, se transforma para gerar condições distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível ressaltar o papel central desempenhado pela língua, instrumento de comunicação que permite a expressão, a partilha e a compreensão dos “códigos culturais” e “sistemas de representação”, permitindo a aproximação e a interação entre membros de diferentes contextos culturais, sendo, assim, responsável, em grande medida, pela concepção social da realidade, mas, sobretudo, propulsora da transformação desta mesma realidade. Afinal, é utilizando o léxico que o falante atua como agente modificador e imprime marcas geradas pelas novas situações com que se depara (Sá, 2011, p. 245).

As experiências de Keismy, e porque não dizer aventuras, em outro hemisfério, a mais de 12 000 quilômetros de distância de casa, transformaram o seu próprio “ser”, enriqueceram aqueles com quem teve contato, influenciou aqueles que ouviram e influenciará aqueles que ainda vão ouvir as suas histórias. E, assim, a cultura segue o seu curso natural, a transformação infinda e constante. Além disso, a influência da intensificação cada dia maior das relações interculturais torna-se evidente na hibridização cultural e também nos Estudos Interculturais.

A abordagem comparativa necessária a qualquer tipo de análise intercultural distanciou-se de uma noção antropológica de cultura única, aproximando-se da definição de culturas no plural, em diálogo, movimento e tradução permanentes. (Sarmento, 2015, p. 15)

Assume-se, portanto, de um ponto de vista deveras positivo, não a tendência para identidades que excluem ou incluem, mas para as identidades que se animam de estar ao lado, que gostam de estar *alone together*, como nas palavras do jazzista Dexter Gordon, sozinhos porém junto dos seus iguais que são diferentes dos outros sem os quais não há a mútua validação que é o sal da identidade (Coelho, 2008, p. 65).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACIGALUPO, G. Z. (2000). As relações russo-brasileiras no pós-Guerra Fria. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 43(2), 59-86.
- BARBOSA, M. A. (1993) O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. *Anais, I Encontro De Estudos Linguísticos de Assis*.
- COELHO, T. (2008). *A cultura e seu contrário*. São Paulo: Iluminuras.
- HALL, S. (1997). Representation: *Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) *Censo demográfico : 2010 : características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: Author.
- JÚNIOR, C. [coisasdealuno]. (2014, October 8). Intercâmbio na Sibéria - Rússia #01 [Video File]. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NiaxCb_4doA&feature=youtu.be
- JÚNIOR, C. [coisasdealuno]. (2014, October 8). Intercâmbio na Sibéria - Rússia #02 [Video File]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ddJzAdLpf5U>
- LIMA, M. M. (1997). Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, 14, 169-181
- PEREIRA, M. E., MODESTO, J. G., & MATOS, M.D. (2012) Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 201-220.
- RIBEIRO, D. (1995). *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SÁ, E.J. (2011) O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. *ReVEL*, 9(17), 244-261.
- SARMENTO, C. (2015). *Estudos Interculturais Aplicados*. Porto: Vida Económica.

SONATI, J. G., VILARTA, R., & SILVA, C.C. (2009) Influências culinárias e diversidade cultural da identidade brasileira: Imigração, Regionalização e suas Comidas. *Qualidade de Vida e Cultura Alimentar*, 1, 137-147.